RESENHA

A jornada arquetípico-simbólica e o constructo humano: reflexões sobre "O homem e seus símbolos"

Giancarlo Kind Schmid[1]

> O homem desenvolveu vagarosa e laboriosamente a sua consciência, num processo que levou um tempo infindável, até alcançar o estado civilizatório (arbitrariamente datado de quando se inventou a escrita, mais ou menos no ano 4000 A.C.). E esta evolução está longe da conclusão, pois grandes áreas da mente humana ainda estão mergulhadas em trevas. O que chamamos psique não pode, de modo algum, ser identificado com a nossa consciência e o seu conteúdo.
>
> (JUNG, 1969)

O excerto acima, oriundo do primeiro capítulo da obra "O homem e seus símbolos" (1969), escrito por Carl Gustav Jung (1875-1961), situa significativamente o contexto para onde esse trabalho apontará. Originalmente, a obra surgiu de uma entusiasmada entrevista concedida por Jung à rede de TV inglesa BBC, conduzida pelo entrevistador John Freeman, na primavera de 1959, cativando Wolfgang Foges, o diretor-gerente da Aldus Books, uma importante editora britânica à época. Foges sempre se interessou pela Psicologia, transitando por entre as obras de Freud, mas percebia certa dificuldade de penetrabilidade das obras de Jung entre o público mais leigo. Daí, exortou Freeman a persuadir o "sábio de Zurique" a publicar uma obra com linguagem mais acessível a todos.

Em sua primeira tentativa, Freeman enfrentou a resistência de Jung, que considerou o elevado desgaste de realizar a obra sozinho – a certa altura em que já se encontrava com idade avançada, cansado e desmotivado. Foges, porém, não se deu por vencido. Conseguiu um encontro com o mestre, que aceitou organizar a obra impondo algumas condições, dentre as quais a de que o trabalho fosse coletivo (com a colaboração de seus mais íntimos seguidores). Atendidas as condições, Jung dá curso a mais essa empreitada intelectual, da qual tomaram parte quatro de seus colaboradores mais eminentes.

[1] Estudante do 6º período do Curso de Psicologia da UNIFASE.
Orientação e revisão técnica: Prof. Renato Cesar Möller.
.

A obra começou a ganhar esboço em 1960, com Jung à frente de sua formatação e revisão, tarefa para cuja consecução praticamente dedicou seu último ano de vida (1961). Apenas 10 dias antes de adoecer seriamente, Jung concluiu sua parte da obra, deixando a encargo de Maria-Louise von Franz a sua conclusão. A obra é lançada em língua inglesa em 1964, tendo a primeira edição brasileira sido publicada pela Editora Nova Fronteira em 1969 (316 páginas, com tradução de Maria Lúcia Pinho). A edição brasileira aqui resenhada é a publicada em 1992 pela mesma editora. O livro é dividido em 5 capítulos principais, e neles são tratados alguns temas correlatos.

O primeiro capítulo, "Chegando ao inconsciente", concebido pelo próprio Jung, destaca a importância dos sonhos essencialmente na produção inconsciente dos símbolos, partindo de Freud. Apresenta, de forma sucinta, os termos *Anima*, que, em relação ao homem, representa a personificação feminina do seu inconsciente, e *Animus*, que, de modo análogo, representa o elemento masculino no inconsciente feminino. Reflete sobre as questões fenomenológicas e metafísicas dos sonhos e a sua função de mediação entre o inconsciente e o mundo consciente, enfatizando os aspectos que marcavam a diferença entre o seu método e o de Freud, quanto ao aproveitamento dos conteúdos revelados pelo sonho. Freud parecia servir-se da interpretação do sonho apenas como recurso para identificar, por meio do processo de livre associação, os complexos causadores de distúrbios neuróticos. Sem discordar da eficácia do método empregado por Freud para alcançar os objetivos por ele fixados, Jung ambicionava explorar todos os vários aspectos do sonho, extraindo deles elementos que permitissem "conhecer e entender a organização psíquica da personalidade global de uma pessoa" (p. 29), o que implicava, muitas vezes, substituir o movimento dispersivo provocado pela técnica da livre associação de palavras por um esforço dirigido de concentração, de modo a manter-se o mais próximo possível do material original do sonho e da sua "intensão subjacente".

Ainda no capítulo por ele assinado, Jung dá introdução ao conceito de "arquétipo" caracterizando-o como remanescentes arcaicos, imagens primordiais inscritas no inconsciente humano, de origem desconhecida, mas que se repetem em qualquer época ou lugar no mundo (embora não autorizem uma interpretação arbitrária ou universal). Faz uma reflexão sobre o impulso religioso, deduzindo que uma característica bastante própria do ser humano, a de admitir a validade de noções que não encontram amparo na esfera racional da ciência, tem origem na necessidade das pessoas de cultivarem "ideias gerais e convicções que lhe deem um sentido à vida e que permitam encontrar seu

próprio lugar no mundo" (p. 89). Encerra o capítulo reconhecendo que o estudo do simbolismo individual e do coletivo é tarefa ainda não concluída, que encerra enormes desafios, mas que os primeiros passos já foram dados, ensejando resultados animadores.

O segundo capítulo, "Os mitos antigos e o homem moderno", escrito por Joseph L. Henderson, discorre sobre os símbolos eternos, em especial os religiosos, apresenta o mito do herói nas mais diversas culturas, destacando a cultura helênica, e cita o processo de iniciação em ritos de vida e morte nas culturas primitivas e sua influência no mundo moderno.

No terceiro capítulo, intitulado "O processo de "individuação", Marie-Louise von Franz aprofunda-se nos conceitos junguianos, principalmente em relação ao "Self", definido como "um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente, e que só pode ser aprendido através da investigação dos sonhos de cada um" (p. 162). Como salienta a autora, o Self se constitui como um centro regulador que desempenha um papel importante no amadurecimento da personalidade, consistindo no *locus* onde se promove a acomodação do consciente e do inconsciente do indivíduo, quando realizado o processo de individuação, condição indispensável para o alcance de uma vida psíquica saudável. A autora discorre sobre a "Sombra", outro conceito central na psicologia junguiana. Habitando mais particularmente o plano dos sonhos, a função da Sombra é, segundo a autora, "representar o lado contrário do ego e encarnar, precisamente, os traços de caráter que mais detestamos nos outros" (p. 173). Um dos grandes desafios a serem enfrentados no processo de individuação[2] é reconhecer a Sombra como deficiência a ser vencida ou como algo intrínseco a nós, inelutável, com que devemos aprender a conviver. Os conceitos de *Anima* e *Animus* recebem nesse capítulo maior embasamento, sendo comentadas suas manifestações tanto positivas quanto negativas para o ser humano.

O quarto capítulo, escrito por Aniela Jaffé, intitula-se "O simbolismo nas artes plásticas" e discute a influência da sacralidade simbólica nas artes plásticas, desde as pinturas rupestres e esculturas do homem primitivo até os dias de hoje. Destaca as esculturas pétreas, pois estas, segundo a autora, acompanham o homem em sua busca pelo significado da vida e pelo transcendental desde os tempos remotos. Referências a mandalas, círculos e arte moderna também são empregadas em sua argumentação, pela

[2] Jung entendia a individuação como um processo que significava tornar-se um ser único, alcançar uma singularidade profunda, tornando-nos o nosso próprio Si-mesmo (Self).

qual a autora defende ser todo o cosmos um símbolo potencial e o artista, o instrumento e intérprete do espírito de sua época.

O quinto e último capítulo, "Símbolos em uma análise individual", elaborado por Jolande Jacobi, reúne registros de sonhos de um paciente dentro de um período de análise conduzido pelo autor. Procura mostrar, a partir de um bem-sucedido caso terapêutico, a influência do inconsciente na geração dos sonhos de seu paciente e o processo de desenvolvimento do Self à medida que as sessões avançam. Argumenta que uma análise introspectiva sempre é um desafio, tanto para quem observa quanto para o indivíduo, sujeito este que pode ou não reconhecer as forças do inconsciente lutando dentro de si. A percepção deste conflito, se bem administrado, pode levar o indivíduo a avançar em seu processo de crescimento psicoemocional. O propósito de Jacobi é o de mostrar que, devidamente orientado, esse indivíduo pode alcançar a harmonia com seu mundo interior e com o mundo real à sua volta.

A conclusão desta obra ficou ao encargo de Marie-Louise von Franz, que, de forma objetiva e clara, endossa a análise de Jung e as manifestações do inconsciente por ele identificadas, ressaltando a sua contribuição para a sociedade atual. Insinua uma conexão entre a psicanálise junguiana e a física quântica, unindo ambas através dos números, pois estes, segundo ela, são elementos de nossa própria organização mental.

Apresentada essa visão panorâmica da obra, conviria agora revisitar o capítulo inicial, assinado pelo próprio Jung, para explorar com maior profundidade, os conceitos que alicerçam a sua *Psicologia Analítica* e nos quais se ancoram os demais capítulos do livro.

Segundo Palhares (2016), podemos dizer que a obra de Carl Gustav Jung e seus colaboradores têm como um dos seus conceitos fundamentais o "símbolo". Para ele, os símbolos são mais complexos do que os signos ou sinais criados conscientemente pelas pessoas para transmitirem mensagens ou informações. Os símbolos são resultado da produção espontânea do inconsciente. Quando se trata do inconsciente coletivo, esses aparecem nos mitos – narrativas sagradas produzidas por todos os povos. Quando se trata do inconsciente pessoal, os símbolos se expressam por meio dos sonhos nos quais emergem, frequentemente, conteúdo do inconsciente coletivo. Dessa forma, a linguagem simbólica faz parte da essência humana e não está submetida aos ditames da razão ou da consciência, sendo, portanto, autônoma. Não desprezar nem reprimir os símbolos e

seus profundos significados é uma forma de encontrar equilíbrio psíquico para a existência nesse mundo, por isso, a vida simbólica torna-se o conceito-chave da obra junguiana.

Jung estabelece a diferença entre os *símbolos naturais* e os *símbolos culturais*, sendo os primeiros referentes aos conteúdos inconscientes da psiquê, representando um número imenso de variações das imagens arquetípicas essenciais, podendo-se chegar às suas origens mais arcaicas, ou seja, ideias e imagens que são encontrados nos mais antigos registros e nas mais primitivas sociedades. Já os símbolos culturais, são aqueles que foram utilizados ao longo da história para expressar "verdades eternas" e que ainda são utilizados até hoje em muitas religiões, sofrendo várias transformações e sendo hoje imagens coletivas aceitas pelas sociedades modernas civilizadas. Esses símbolos culturais guardam ainda uma espécie de "magia", pois evocam reações emotivas profundas em algumas pessoas, e a tentativa de erradicá-los através da repressão ocasionaria danos psíquicos incalculáveis, pois para Jung, esses conteúdos latentes, quando reprimidos, são transformados em uma espécie de "demônio", que consome parte da energia psíquica do sujeito, adquirindo em certa medida o controle sobre as atitudes deste. A estes aspectos destrutivos do psiquismo humano, Jung (2001) deu o nome de Sombra.

Jung acentua que o homem só se realiza através do conhecimento e aceitação do seu inconsciente – conhecimento que ele adquire por intermédio dos sonhos e seus símbolos. Cada sonho é uma mensagem direta, pessoal e significativa enviada ao sonhador. Uma comunicação que utiliza símbolos comuns a toda a humanidade, mas sempre de maneira individual. E que só alcança interpretação através de um "código" inteiramente particular.

Mais de 500 ilustrações complementam o texto do livro, fornecendo um "comentário visual" ao pensamento de Jung, a quem se deve os estudos pioneiros sobre o "inconsciente coletivo". Num texto elegante e atraente, Jung discute a natureza e a função dos sonhos e explora o sentido simbólico e a significação psicológica das experiências comuns da nossa vida cotidiana. Como salienta o autor, o homem contemporâneo

> não consegue perceber que, apesar de toda a sua racionalização e toda a sua eficiência, continua possuído por "forças" além do seu controle. Seus deuses e demônios absolutamente não desapareceram; têm, apenas, novos nomes. E

> conservam-no em contato íntimo com a inquietude, apreensões vagas, complicações psicológicas, uma insaciável necessidade de pílulas, álcool, fumo, alimento e, acima de tudo, com uma enorme coleção de neuroses (p. 82).

O surgimento dos símbolos se dá por uma produção anterior, através dos chamados arquétipos: protoideias, modelos filogenéticos que sustentam e dirigem a vida. Segundo Jung, os arquétipos aparecem na experiência prática: são, a um tempo, imagem e emoção. E só podemos nos referir a arquétipos quando estes dois aspectos se apresentam simultaneamente. Quando existe apenas a imagem, ela equivale a uma descrição de pouca consequência. Mas quando carregada de emoção, a imagem ganha numinosidade (ou energia psíquica) e torna-se dinâmica, acarretando consequências.

Podemos afirmar que a espécie humana, em seu desenvolvimento biopsíquico, vem evoluindo a partir de caracteres inerentes à sua dimensão psíquica. Na proporção que a humanidade se foi organizando socialmente, permitiu que seus substratos primitivos fossem nutrindo um grande arquivo com experiências psicossociais a que se deu o nome de inconsciente coletivo, onde se encontram todas os arquétipos – todas as vivências, impressões e aprendizados humanos. Podemos dizer que o refinamento cognitivo humano aconteceu através do contato com essas "memórias ancestrais".

O desenvolvimento cognitivo humano se deu, primeiro, por meio da linguagem, *a priori*, simbólica. Foram os sonhos, a arte, e posteriormente os mitos, os responsáveis pela contextualização cultural que se firmou através das religiões.

Como já assinalamos, de acordo com Jung, uma das razões da grande quantidade de psicopatologias, em especial nos casos das neuroses e psicoses, é a negação dos símbolos primordiais e/ou pessoais, refletindo a angústia do homem moderno em sua busca desenfreada por respostas onde a razão não dá conta. Vivemos em um mundo cercado por estímulos de toda ordem, especialmente externos, desconectando-nos de nossa essência. A ausência de relação com o mundo simbólico pode produzir uma série de desconfortos na psiquê, desde uma angústia inexplicável até uma inadequação ao meio.

É salutar entender que a grande tríade simbólica humana (sonhos-mitos-arte) moldou a humanidade ao longo dos milênios, traduzindo os seus anseios, uma busca por respostas que vai encontrar consolo na relação com a religião (ritualisticamente). No entanto, o conflito do ser humano com sua imperiosa necessidade de evolução científica e tecnológica leva à dicotomia neurótica de um novo desafio: obedecer aos ditames postulados pelos computadores ou seguir a própria natureza?

> Nosso intelecto criou um mundo que domina a natureza, e ainda a povoou de máquinas monstruosas. Estas máquinas são tão incontestavelmente úteis que nem podemos imaginar a possibilidade de nos descartarmos delas ou de escapar à subserviência a que nos obrigam. O homem não resiste às solicitações aventurosas de sua mente científica e inventiva, nem cessa de congratular-se consigo mesmo pelas suas esplêndidas conquistas. Ao mesmo tempo, sua genialidade revela uma misteriosa tendência para inventar coisas cada vez mais perigosas, que representam instrumentos cada vez mais eficazes de suicídio coletivo (p. 128).

Chegamos ao ponto que não há caminho de volta, e a encruzilhada em que nos encontramos define o desafio (vazio) de nossa existência perante as agruras e temores dos novos tempos, urgindo uma necessidade premente de resgatarmos nossos símbolos essenciais. Jung (1992) nos faz uma exortação: "o homem moderno é, na verdade, uma curiosa mistura de características adquiridas ao longo de uma evolução mental milenária. E é deste ser, resultante da associação *homem – símbolos*, que temos de nos ocupar, inspecionando sua mente com extremo cuidado".

A realização de tal tarefa que Jung parece nos legar implica a adoção de uma postura de não estranhamento diante das aparentes ambiguidades que convivem sob elevada tensão nessa "curiosa mistura" que constitui o homem contemporâneo: "o ceticismo e a convicção científica coexistem nele, juntamente com preconceitos ultrapassados, hábitos de pensar e sentir obsoletos, erros obstinados e uma cega ignorância" (p. 96).

Referências

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos** (1961). Tradução Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. **Fundamentos de psicologia analítica** (1935). 11ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

PALHARES, Rafaela Fernanda. A vida simbólica. **Revista Primordium**. v.1, n.2, p. 47-55, 2016.

CC BY NC

Informações sobre o autor

Giancarlo Kind Schmid – Estudante do 6º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto (UNIFASE), licenciado em Letras/Literaturas de Língua Portuguesa (UNESA, 2011) e História (UNESA, 2023), pós-graduado em Psicologia Analítica (UNESA, 2016) e em Filosofia (UNICAM, 2018). Obteve o título de Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise/ES (2020).

Contato: gianks@uol.com.br

orcid.org/0000-0003-1728-9528